

Falácia: A arte da argumentação

Coleção ensino de filosofia por meio da literatura de cordel

João Uilson e Ronilson Lopes



IFAM CAMPUS LÁBREA
2017

Texto: João Uilson Vieira Filho e Ronilson de Sousa Lopes

Correções ortográficas: Vanuza Xavier Amorim

Imagem da capa: João Uilson Vieira Filho

Introdução: Vanessa Araújo Galvão

SUMÁRIO

1. Introdução.....	04
2. Experiência literária.....	06
3. Experiência literária.....	07
4. Propostas didáticas.....	08
5. Mitologia grega.....	09
6. Biografia de João Uilson.....	18
7. Biografia de Ronilson Lopes.....	19

INTRODUÇÃO

A literatura de cordel é bastante antiga. Há relatos de que teve início no século XII, através da narração oral da peregrinação à Jerusalém, Roma e Santiago de Compostela. Os textos foram propriamente escritos somente em meados do século XV, nesta época a referida literatura espalhou-se por diversas regiões como: França, onde era conhecida como *literature de Colportage*, Inglaterra com o termo *Chapbook*, na Espanha como *Pliegos Sueltos* e em Portugal como as *Folhas Volantes*, ou como são chamadas hoje, literatura de cordel.

Mas afinal o que é literatura de cordel? Trata-se de canção popular construída em versos, impressa e divulgada em folhetos. As imagens contidas neste tipo de literatura são confeccionadas através da técnica de xilogravura, também são utilizados desenhos e clichês zincografados. Ganhou o nome de Cordel pela forma como os folhetos eram expostos para divulgação e comercialização, geralmente pendurados em cordas ou barbantes nas ruas, praças e feiras culturais.

Sua chegada ao Brasil está intimamente relacionada ao processo de colonização do Brasil pelos portugueses, estes trouxeram a literatura, primeiramente para o estado da Bahia, e aos poucos, com a chegada do êxodo rural espalhou-se por outras regiões do país, firmando-se como expressão literária nordestina. Influenciou muitos escritores importantes como Patativa do Assaré, João Guimarães Rosa e Ariano Suassuna.

No início de sua floração no Brasil, o cordel por ser de fácil produção e circulação de ideias, cumpria a função de socializar temas do cotidiano do povo simples do interior, uma vez que não se tinha acesso a jornais impressos, aparelhos televisivos ou outros meios de comunicação.

Atualmente a literatura de Cordel tem ganhado novas roupagens a partir das novas tecnologias, bem como ampliado seu uso, perpassando vários espaços, como é o caso da utilização de textos em cordel nos ambientes educativos. Cito como exemplo esta coleção de textos, onde os autores, João Uilson e Ronilson Lopes, desenvolvem textos utilizando este formato para discutir filosofia na sala de aula com os discentes do Ensino Médio.

São textos simples e de fácil compreensão. Desta forma acredita-se que seus escritos podem ser utilizados na sala de aula com os alunos, principalmente os dos primeiros anos do Ensino Médio, os quais estão tendo, na maioria das vezes, o primeiro encontro com a disciplina de filosofia.

Os autores não tem a pretensão de fazer com que os professores desta disciplina substituam os textos dos filósofos, mas estão apenas sugerindo uma opção a mais com o objetivo de ampliar a possibilidade de reflexão sobre temas, muitas vezes áridos, de forma prazerosa e descontraída.

Acredita-se que a leitura deste gênero pode contribuir para o gosto pela literatura e para incentivar os alunos a fazerem outras experiências literárias, bem como de produção de textos, embora caiba lembrar que nem todo mundo tem habilidades artísticas, evidentemente que existe a necessidade dos discentes produzirem alguns trabalhos, estes não devem ser, necessariamente em cordel, o mais importante, neste caso é conseguir refletir e discutir os conceitos filosóficos, pois adquirindo estas habilidades, com toda certeza passar as ideias para o papel será bem mais fácil.

Os textos fazem parte de uma coleção e iniciam discutindo a mitologia grega e amazônica, perpassa pelos filósofos pré-socráticos e pelos conceitos de filosofia e, finalizam refletindo sobre o papel da educação e do homem enquanto ser que busca o conhecimento.

Assim desejo uma boa e prazerosa leitura

Vanessa Araújo Galvão

Lábrea 26 de Agosto de 2017.

EXPERIÊNCIA LITERÁRIA

O grande amor que tenho pela Literatura de Cordel teve início ainda na infância quando minha mãe reunia a filharada para ler ao redor do leito. Foram muitos livros, entre eles alguns de cordel como: A chegada de Lampião ao inferno, João das questões, Peleja de Cego Aderaldo com Zé Pretinho, João Grilo e tanto outros.

Portanto a minha memória do cordel é cheia de afeto. Foi lendo o cordel que aprendi a juntar as primeiras palavras e ouvindo as narrativas que pude pensar em contar minhas primeiras histórias.

Quando me tornei adolescente comecei a escrever poesias e, em seguida contos, porém não conseguia escrever cordéis, embora tivesse muita vontade de fazê-lo. Pensava comigo, um dia ainda escrevo um cordel.

O que aconteceu em 2016 quando escrevi o cordel O Fofoqueiro. Após esse fato não conseguir mais parar de escrever, principalmente aqueles que estão relacionados a algum tema que trabalho na sala de aula de filosofia no Instituto Federal.

Ultimamente, duas coisas me deixaram surpresos, a primeira foi o fato de descobrir alguns livros antigos de cordéis de escritores aqui de Lábrea, cidadezinha do interior do Amazonas; a segunda, foi ver alguns dos meus alunos produzindo livros de cordéis para discutir temas importantes entre os colegas de classe.

Essas coisas só provam que a literatura de cordel continua viva e ao mesmo tempo encanta uma gama de novos leitores do século XXI.

Lábrea, 25 de Agosto de 2017.

Ronilson de Sousa Lopes

EXPERIÊNCIA LITERÁRIA

Antes de conhecer a Literatura de Cordel, já tinha a poesia como encanto. Tentava juntar as letras e compor palavras, mas quando ouvi pela primeira vez o cordel apaixonei-me, foi amor a primeira vista.

Tudo começou nas proximidades da casa de minha mãe, na Região do Cariri, Sul do Estado do Ceará. Precisamente, na primeira escola que estudei, entre o primeiro e quarto ano do Ensino Fundamental.

Quando o sino da escola tocava anunciando o recreio, alguns alunos dentre eles, eu, sentávamos no portão de entrada da escola e, na época, o vigia de pé, declamava os cordéis para a meninada. Se não me falha a memória, alguns folhetos que ele lia eram escritos pelo pai daquele nobre vigia.

Naquele período de criança e adolescência o meu passatempo era escrever paródias de músicas da época, ao mesmo tempo arriscava escrever poesia, mas não a de cordel.

Não comecei cedo a escrever cordel. O meu grande desafio era conhecer a estrutura da poesia popular e unir as estrofes com uma única estória.

Na faculdade optei por pesquisar Literatura de Cordel e somar com a minha formação filosófica. Posteriormente descobri em sala de aula, que essa literatura é um importante caminho de acesso e de despertar a curiosidade filosófica dos alunos. Passei então a escrever cordéis com assuntos filosóficos. Dentre os escritos, tenho Mitologia Grega.

Hoje, no Nordeste do Estado de Minas Gerais, percebo que a Literatura de cordel entrou em minha vida, mostrando-me um mundo de possibilidades, despertando meu universo imaginário e permanecendo como forma viva, das minhas raízes.

Araçuaí – MG, 27 de agosto de 2017

João Uilson Vieira Filho

PROPOSTAS DIDÁTICAS

João Uilson Vieira Filho

O ensino de Filosofia por meio da Literatura de Cordel é um convite para que o aluno mergulhe no universo poético e encontre pensadores e conceitos filosóficos. Além disso, perceber e compreender a própria história da filosofia.

No contexto atual de multidisciplinaridade, o momento é propício para o diálogo entre filosofia e cordel. Embasados na necessidade de unir forças para o ensino e aprendizagem dos alunos, pensamos e atuamos com a presente proposta didática. Certos de que a sua aplicabilidade não é uma imposição, mas flexível a demanda dos alunos e a criatividade do professor.

Sendo assim, o uso em sala de aula desse material didático pode ocorrer, sugestivamente, da seguinte forma:

Primeiro: O cordel filosófico pode ser lido, pelo professor ou por um aluno e discutido para a melhor compreensão da temática filosófica presente no cordel.

Segundo: Dois ou mais cordéis podem ser distribuídos entre os alunos para que eles leiam e apresentem o resultado de suas compreensões.

Terceiro: A turma pode ser dividida em grupos e cada grupo trabalharia com um cordel de assunto diferente. Em um próximo passo, os grupos expunham o conteúdo lido e estudado para que toda a turma tenha conhecimento.

Quarto: Os alunos podem fazer a leitura do cordel e transformá-lo em música, semelhante ao que fazem os repentistas, que sem o texto escrito, dialogam entre si sobre determinado assunto ou a partir da leitura criar ilustrações, novos poemas, contos e outros cordéis.

Quinto: Após a leitura e estudo da filosofia em cordel, os alunos podem fazer um portfólio da história da filosofia. Isso a partir da criatividade dos alunos.

Estes são apenas alguns exemplos do que pode ser feito com os cordéis filosóficos em sala de aula. Todavia, conforme a dinâmica de ensino e aprendizagem do professor e dos alunos outras possibilidades podem surgir.

O importante é ter claro que, esse material não é uma tentativa de substituir o livro didático, mas de fornecer novas ferramentas de ensino de filosofia, pensando sempre na aprendizagem dos alunos.

FALÁCIA: A ARTE DA ARGUMENTAÇÃO

Atenção, caros alunos!
É com bastante alegria
Que me dirijo a vocês,
Nesta singela poesia,
Convidando-os a reflexão
À razão: filosofia.

Então, vocês me dizem,
Neste maravilhoso dia!
- Ora, o que vamos pensar?
Caro mestre, o que seria?
Explique aí, noutros termos,
Essa tal filosofia.

Responde-lhes – Acalmem-se!
E, prestem bastante atenção:
O que diz filosofia
Por certo, é a arte da razão
Que almeja a verdade
Sem haver contradição

Por isto, é importante,
O pensar, a argumentação.
Dissipando conhecimentos
Baseados na opinião
Para buscar o conceito
Da “ciência” da razão.

Hoje quero abordar
O método da arguição:
Duas premissas exatas

Impondo uma conclusão
Iguamente verdadeira
Para fechar a questão.

Mostrarei um exemplo,
Sobre a lógica formal,
Para boa elucidação:
Se todo homem é mortal
E sendo, “Zé”, homem, então,
“Zé” morrerá, essa é a conclusão.

Sendo elas verdadeiras
Impõe-se a finalização
Do mesmo modo certa
Para fechar a questão
De outro jeito é erro
Veja a exemplificação:

“Todo homem é safado”
Diz a frustrada infeliz
E, “como meu ex é homem”
A lógica não contradiz
Está provado, “é safado!”
Causador de cicatriz.

O presente argumento
É uma falácia formal
E parece verdade
Mas é um erro brutal
A forma está correta
Mas com premissa desleal.

Alguns homens podem ser
Mas a generalização

É algo que não se faz
Para evitar presunção
Dizer “todo”, na filosofia
Costuma gerar confusão.

Como se dizem por aí:
“Todo” político é ladrão.
No velho senso comum
Afirma-se sem precaução.
Mas só se conhece alguns
Dessa grande legião.

Há outra formulação:
As falácias informais!
Presentes no cotidiano
Na boca de “marginais”
Com argumentos falsos
Destruindo seus rivais

A primeira que apresento
Das falácias informais
É a dita *Ad Hominem*
Um argumento imoral
Esquecendo o discurso
O oponente trata mal.

Como em certa feita
Um amigo que eu tinha
Espancou sua mulher
E quando foi à delegacia
Disse ao delegado:
“Não queira ouvir porcarias”,

“Não escute as mentiras

As intrigas e lambanças,
Pois ela é uma prostituta
Que me deseja com ânsia
E por dispensá-la
“Ela almeja vingança”.

Ora, amigos, vejam bem,
O argumento de astúcia
Pois que força teria
A voz de uma prostituta?
Ninguém tomaria a água
Diz-se: no poço há cicuta.

O delegado acreditou
E encerrou a questão.
Mas se ele fosse esperto
Diria em sua arguição:
Escute aqui meu rapaz
Não se faça de machão

Dando uma de esperto
Pra minar minha decisão
Não é por ser prostituta
Que ela não tenha razão
Analisarei os fatos
Com bastante precaução.

Se ela foi espancada
Haverá marcas no corpo
De repente os vizinhos
Escutaram os estorvos
Deporá hoje e amanhã
Os escutarei de novo.

Verei quem se contradiz
Quando fores relatar.
Mandá-la-ei a pericia
Para o médico analisar.
Por hora ficarás preso
Para não atrapalhar.

Outro sofisma chama-se:
Generalização apressada
Acontece quando alguém,
De forma desesperada
Generaliza para o todo
A partir de quase nada.

O exemplo é muito simples
Desta generalização
Você vê uma reportagem
De um político ladrão
Em seguida fica sabendo
Que outro passou a mão.

No dinheiro público
E foi parar na prisão.
E a partir destes casos
Conclui-se a questão
Bradando em alta voz:
“Todo político é ladrão”.

Argumentos que o aluno
Deve aprender questionar
Como fora dito antes
E que irei recordar
Se não conhecemos todos
“Todos” não devemos citar.

Outro paralogismo
Que se diz com crueldade
Chama-se gentilmente
De *apelo à autoridade*
Quando recorre à figura
De poder ou majestade.

Como demonstra o fato
Que outrora ocorreu
Na conversa d'um letrado
Com um pobre plebeu
Que disse: eu sei tal coisa
O outro, então, rebateu.

Cale-se seu estúpido
Queres saber mais que eu?
Tu és um analfabeto
Que nada jamais leu
Eu, sim, sei a questão
Pois estudei no liceu.

Este argumento é
Falacioso, na verdade,
Porque nega o saber
A quem não tem faculdade
Como se não aprendesse
Em outras localidades.

Pode ser que o Doutor
Tenha mesmo razão
Porém, o argumento
Não demonstra a questão
“Faculdade, mais saber!”

É uma precipitação.

Há “burros” na escola
E gente inteligente
Que não há frequentou.
Por isto, fique ciente,
Dizer que estudou
Não prova competência

Outra falácia medonha
Que aqui quero abordar
É o *apelo a piedade*
Que é fácil identificar
Deixam-se os argumentos
E começam a apelar.

O exemplo que trago é:
De certo empresário
Queria pra sua empresa
Escolher um secretário
E se definiu critérios
Para selecioná-lo.

Como: experiência
Na carteira registrada.
Saber outro idioma,
Informática avançada
Saber contabilidade
Uma figura ilibada.

Frente a estes requisitos
Tão bem enumerados
Certo candidato
Fica desesperado

Decide, então, apelar
Para obter resultado.

Diz – “preciso da vaga!
Bondoso proprietário,
Pois sou muito pobre
Meus filhos, coitados,
Há três dias não comem
Pois não há um trocado!

Porém, o empregador
Percebendo a questão
Diz: - precisando? Sei,
Todos os outros estão.
Não é por ter fome
Que terás a colocação.

Outra falácia, meninos
Que se fala com ânsia
É chamada, portanto,
De apelo à ignorância
Que se dá por ciente
Desconhecendo a instância.

Ninguém na história
Provou que Deus existe
Com isso, conclui-se
Que sua existência consiste
Em verdadeiro embuste
Olhem que conclusão triste.

Pra sair do argumento
É preciso saber intuir

Não é porque se ignora
Que ele não possa existir
A ignorância não prova
É preciso, então, concluir.

Estas falácias, meninos
São as mais conhecidas
Porém, há outras que
Devem ser discutidas
Para quando em discurso
Saber como lidar

São argumentos errôneos
Que passam por verdadeiros.
É preciso raciocinar
Para sair do lamaceiro
E trazer a luz da razão
A alma do embusteiro.

Era, então, este diálogo
Que eu queria refletir
E fica aberta a questão
Pra continuar a discutir
Se pensas diferentes
Possas, então, arguir.

JOÃO UILSON VIEIRA FILHO



Nascido em Barbalha – CE, graduado em filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA em Belo Horizonte – MG (2010). É especialista em Educação profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM, Patrocínio – MG (2014). Foi professor na rede Estadual de Educação de Minas Gerais. Atualmente é professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – IFNMG, Campus Araçuaí. É o autor do livro **Desencontro** pela Editora O Lutador. Joao.uilson.vieira.com

RONILSON DE SOUSA LOPES



Nascido em Carolina – MA, passou sua infância na cidade de Goiatins no Estado do Tocantins. Licenciado em Filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA. Possui Pós-Graduação em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia pelo Centro Universitário Barão de Mauá.

Atualmente é professor de Filosofia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM *Campus* Lábrea.

É o autor do Livro ***Contos do meu sertão*** pela Editora o Lutador e de livro de cordel **O Fofoqueiro** e de vários outros folhetins de cordel. lopespav@yahoo.com.br